

As Facetas da Guerra: Resenha do Livro *The Oxford Handbook of War* Por Julian Lindley-French e Yvez Boyer. Oxford, Oxford University Press, 2012. 709 páginas.

Antonio Henrique Pires dos Santos¹

Natália Diniz Schwether²

Desde os projetos iluministas, passando pelos ideais de cosmopolitismo e de direitos humanos, verifica-se, após as duas grandes guerras mundiais, um esforço no sentido de evitar o advento da guerra e permitir o estabelecimento de um tempo de paz. No entanto, a guerra persiste. A problematização desta constatação é o que orienta o livro *The Oxford Handbook of War*, publicado em 2012. Os editores, Julian Lindley-French e Yvez Boyer, propõem realizar um estudo da guerra de maneira ampla, por meio de 46 sintéticos capítulos, divididos em dez partes, escritos por acadêmicos, agentes políticos e militares.

Na primeira parte, sobre as causas fundamentais da guerra, explora-se uma visão conceitual da guerra, a partir de sua definição. Apesar da existência de um amplo espectro de termos associados com a guerra, tais como guerra contra a fome, guerra contra a pobreza, Lawrence Freedman (2012) apresenta a intencionalidade, o uso da violência efetiva, a estratégia e o propósito como elementos nucleares para o entendimento do fenômeno. Disputas envolvendo valores culturais e ideologias são abordadas em menor profundidade, ainda que estas guerras sejam consideradas as mais depressivamente duradouras (p. 28).

A partir da definição de guerra, aspectos mais particulares são discutidos de forma a fornecer um panorama geral. Destaca-se, entre outros, o desenvolvimento da guerra ao longo

1 Mestrando do Programa da Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Graduado em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: antonio.hps26@gmail.com

2 Doutoranda do Programa da Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestra em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e graduada em Relações Internacionais pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Grupos de Pesquisa: Núcleo de Estudos Americanos (NEA). E-mail: natidiniz@gmail.com.

da história, a evolução do pensamento sobre estratégia, as formas moderna e pós-moderna de se fazer guerra, a articulação e a aplicabilidade das alianças e o surgimento de poderes emergentes no cenário bélico, como Brasil, Índia e China.

No que tange a estratégia, de antemão distingue-se uma confusão e ambiguidade de significados. Em suma, a estratégia seria um planejamento rigoroso, capaz de estabelecer a relação entre fins, caminhos e meios. Todavia, este pensamento estratégico nem sempre atinge os objetivos esperados, como exemplificado por Sir. Hew Strachan (2012) no caso da invasão norte-americana ao Afeganistão, em 2001 (p.41). Este evento servirá como suporte para elucidar diversas reflexões ao longo do livro.

Com a evolução dos conflitos, os quais deixam suas características modernas pautadas na eficiência e racionalidade, alteram-se as percepções. A fotografia, a mídia e o ambiente virtual empoderam o indivíduo, de forma que este passa a refletir sobre as atrocidades cometidas. Ao indagar, por exemplo: quem deve ser responsabilizado? Aqueles que matam ou aqueles que os enviam para matar? Ao mesmo tempo, o emprego das novas tecnologias no campo de combate pode tornar a experiência da guerra distante e alienante.

É este mote que permite adentrar a segunda parte do livro, a qual trata dos aspectos morais e legais da guerra. Permeia-se a tradição da guerra justa e a constituição de mecanismos jurídicos que culminaram na formação da Organização das Nações Unidas. São abordadas, ainda, as tentativas de limitar a guerra, seja considerando-a um direito dos Estados e uma instituição, seja como algo a ser banido, para poupar as gerações futuras dos seus males.

Na terceira parte, a prática da guerra e suas diferentes formas e mecanismos de execução recebem maior enfoque. Reitera-se a discussão, apresentada desde o início do livro, sobre os objetivos estratégicos da guerra, que perpassam o aumento das chances de sucesso e encurtamento do conflito. Afinal, dado a natureza extraordinária e imprevisível da guerra, um objetivo, a priori, claro e específico, pode se tornar um ciclo de destruição e violência sem controle.

Mais especificamente, é apresentado o caráter controverso da defesa e, principalmente, do direito à legítima defesa - paradigma para a condução da guerra no sistema onusiano, expresso no artigo 51 da Carta das Nações Unidas. Perpassando os desafios mais clássicos até atingir os mais próximos da contemporaneidade, discute-se o uso de armamentos nucleares e formas não convencionais de guerrear, como a ciberguerra.

Para encerrar a terceira parte, aborda-se um tema recorrente ao longo do livro, o terrorismo. Diante do dilema na definição do conceito de guerra a noção de guerra ao terror, por conseguinte, se mostra problemática, uma vez que o termo terror não designa um sujeito específico, um nome próprio, mas sim um termo abstrato. O terrorismo, também, suscita discussões sobre os mecanismos legais de contraterrorismo, como a possibilidade de aplicação da Carta da ONU em relação a atores não-estatais. A guerra ao terror traz à tona a figura do partisan moderno - o combatente que se utiliza de táticas de guerrilha e que apresenta um desafio à suposta eficácia tecnológica militar. Projetando-se como uma ameaça assimétrica, o terrorismo recebe atenção especial e é discutido de diferentes formas em cada parte do livro. A percepção da vulnerabilidade estatal frente a oponentes não-estatais requer uma reordenação completa da defesa.

Das partes 4 a 9, o livro se aprofunda em questões práticas. O problema da estratégia pas-

sa a ser tematizado a partir de problemas específicos, como o desenvolvimento de inteligência, a administração da guerra e o mapeamento do papel dos militares, sua função de contra-insurgência e suas atividades na terra, no mar e no ar. A indústria de defesa e o desenvolvimento de tecnologias são tratados como motores que modificam a natureza da guerra, suscitando, inclusive, o espaço como possível palco de conflitos. Dentro da dinâmica da guerra, o livro expande o estudo para tratar de temas como a relação entre civis e militares e o papel da mídia e dos jornalistas, estes não apenas como testemunhas, mas como atores ativos para determinar o futuro de guerras específicas. Recorre-se, para tanto, a exemplificações do contexto interno inglês, como no que diz respeito ao decréscimo do orçamento das forças armadas. Embora orientadas para o âmbito local, tais reflexões podem ser extrapoladas, realizando as devidas adequações, para outros Estados, à medida que demonstram a importância de se garantir um investimento a contento no setor de defesa, mesmo em épocas de contenção financeira, a partir de uma reavaliação do sistema e suas capacidades.

Analogamente, desenvolve-se um estudo sobre a construção da relação entre sociedade civil britânica e suas forças armadas. Enfatiza-se a comunicação e a cooperação como essenciais para o estabelecimento de uma relação de pesos e contrapesos entre civis e militares, na qual as forças armadas não detenham apenas proibições, mas que a sociedade também possua obrigações, mantendo-se interessada por temas do espectro militar. O compartilhamento de planos e uma ação integrada e flexível entre diversas agências são essenciais em face da complexificação da agenda de segurança.

Ressalva deve ser feita quanto à marginalização da relação gênero e guerra. A participação feminina quando relatada foi entendida como um desafio, sem proposições, tampouco uma descrição e melhor acompanhamento sobre o papel e as dificuldades que as mulheres enfrentam nos cenários de guerra. Haja vista a atualidade e pertinência do tema, o livro incorre na falha de ausentar-se de qualquer discussão. Ao contrário, opta por enforçar as tendências futuras da guerra em aspectos da indústria de defesa, novas tecnologias do conflito e privatização da segurança.

Por fim, questiona: a guerra tem um futuro? Tal pergunta encerra o livro, o qual tratou, ao longo de suas páginas, do fenômeno da guerra como um problema, na medida em que este incorre na dificuldade de uma caracterização através do tempo, é excepcional e imprevisível e, constantemente, conserva-se a dúvida quanto o poder ofensivo dos inimigos. Acresce-se a isto que, a emergência de novos centros de poder, fora da tradicional esfera Ocidental, a expansão do campo da defesa e da segurança e as múltiplas interconexões entre eles, e a globalização que reivindica soluções transnacionais, enfatizam a importância constante do estudo da guerra. A fim de que forças armadas, sociedade e governantes estejam aptos a lidarem com este evento.

Destarte, o livro desenvolve-se de forma bastante interessante para aqueles que estão iniciando os estudos na área. A virtude do mesmo está em suscitar possibilidades de pesquisa. Valoriza-se abordagens filosóficas, jurídicas e empíricas, tanto para o pesquisador que deseja se aproximar de uma atitude reflexiva, quanto para aquele que pretende atuar de perto em questões de defesa e segurança.



UNIVERSIDADE
FEDERAL
DE PERNAMBUCO



CENTRO DE FILOSOFIA E
CIÊNCIAS HUMANAS

Departamento de
Ciência Política

Programa de Pós-Graduação
em Ciência Política



CAPES